

## SOBRE ANTROPOLOGIA\*

por

Vítor Oliveira Jorge\*\*

Como acontece com todos os outros saberes, o “projecto” científico da antropologia não foi sempre o mesmo. Por outro lado, ramificou-se em inúmeras especialidades e articulou-se em rede com todos os restantes saberes. A antropologia é um ser vivo, plural, que não cessa de se modificar, e a “medida” do mundo que ela nos revela é a da permanente abertura à mudança, adentro do quadro de questões que a actualidade vai suscitando.

O homem europeu inventou muitas coisas (antropologia incluída), e entre elas a ideia de que nada escapa ao tempo (no seu sentido comum: a história, a evolução); e precisou de um “outro” em que se olhar ao espelho, para se identificar. O mais radical desse “outro” foi o “primitivo”, o “selvagem”, aquele de onde nós descendemos e existe longe no tempo (pré-história), ou supostamente se conserva como “fóssil” do que já fomos, distante no espaço (antropologia, no sentido de antropologia cultural ou social). Todas estas noções e pesquisas vêm da nossa matriz judaico-cristã, e são versões diferentes do livro do *Génese* e de outras “narrativas de origem” típicas da nossa tradição mítica.

A “origem” é sempre um problema embaraçoso, porque se poderia logo perguntar, “e o que é que deu origem à origem?”; por outro lado, o “primitivo”, o “exótico” é sempre uma projecção de quem observa, nunca se podendo saber como “funcionaria” uma determinada realidade social sem esse “intruso” que é o observador, mesmo que este se confunda com a vida “nativa”. Como me dizia uma vez um antropólogo americano, que há trinta anos estudava uma determinada população, “jamais passaremos para lá da epiderme de uma cultura que não é a nossa.” A variabilidade, subtilidade e complexidade do comportamento, do pensamento, da intimidade humanas, de todos os não-ditos da vida, são imensas e incomensuráveis. E é essa a escala da antropologia. Como tantos outros saberes científicos, ela herdou nostalgicamente o desejo de totalidade a que as antigas explicações teológicas davam satisfação.

Saber comparativo, sem fronteiras, mas também, cada vez mais, saber despolarizado, porque já não é feito só por nós, ocidentais, que o inventámos e ensinámos, mas agora

---

\* Resumo da conferência pronunciada no auditório da Reitoria da UP no dia 5.2.2004, integrada no ciclo organizado pelo IRICUP, “Qual é a Medida do Mundo? A Escala de Abel Salazar”.

\*\* Faculdade de Letras do Porto – DCTP.

igualmente fabricado por aqueles que submetemos a um “processo de etnicização” (quando não de “folclorização”) e que hoje, munidos do saber das nossas universidades, reformulam a sua própria identidade e história (incluindo a do contacto connosco), com base numa perspectiva “antropológica”. O “outro” que nós construímos começa a (des)construir-se por si próprio, não de uma forma mais “autêntica” (porque não está aqui em causa nenhuma “essência” atemporal), mas de um modo mais variado e rico, que nos questiona. As miscigenações de perspectivas e de interpretações obrigam-nos a olhar de novo o espelho, e aí descobrir por vezes – no melhor dos casos – um perturbado rosto. A história que conta um historiador de Marrocos ou da Índia quando se refere aos portugueses, por exemplo, não é a mesma que nos costumavam ensinar nas universidades portuguesas... e para essa multiplicação de pontos de vista a antropologia contribuiu decisivamente. Instrumento da colonização, procura por vezes ser hoje o meio de defesa da heterogeneidade cultural, visando “salvar” muitas comunidades em risco (até físico), por diversísimos motivos bem conhecidos. Embora se trate de tentativas isoladas e, a prazo, com toda a probabilidade, condenadas ao fracasso.

Cada antropólogo é, muitas vezes, a última testemunha, comovida, de uma experiência a cuja agonia assiste. Dir-se-á que tal (a morte de inúmeras “culturas”) obviamente sempre existiu; mas temos de responder que, à escala gigantesca a que hoje se passa, isso não é verdade. Dir-se-á também que a variedade da realidade cultural humana, se existia, não era (re)conhecida, não estava articulada entre si, não era sequer valorizada pelas próprias comunidades locais, que viviam “viradas para dentro”, e que foram os ocidentais, cosmopolitas, a “comutar” essas realidades e a dar importância àquilo que estava a ser destruído. É certo, mas os que actuaram no sentido positivo foram forças infinitamente minoritárias em relação àquelas que conduziram o curso da história.

Entretanto, e até com a própria perda do exótico, reduzido ao tipicismo repetitivo do turismo e sua ideologia (Lévi-Strauss disse que já nada há para descobrir no mundo, no sentido de encontrarmos algo de verdadeiramente novo), a antropologia refluíu sobre o espaço europeu. E foi descobrir o “exótico” à porta de casa, sem ter de incidir necessariamente apenas a sua atenção sobre os imigrantes ou as “minorias étnicas”, ou as áreas urbanas e regiões mais desfavorecidas – hoje, o seu objecto somos nós próprios, os que frequentamos as cidades, os campos, o metro, os museus, as universidades, os supermercados, os aeroportos, enfim, todos estes espaços da modernidade em que circulamos. O questionário da antropologia, o seu objecto, é o das outras ciências sociais, apenas talvez com a especificidade de acentuar esse gosto pelo estranho, mesmo que o estranho seja o próprio antropólogo e o texto de que supostamente é autor. E o seu método continua a ser o da participação, o de tentar sempre esse supremo mito que seria confundir-se por um tempo com o seu objecto para o ver desde dentro, para o entender não como um cientista que observa “objectivamente”, de fora, mas como um ser humano que se emociona, que é dotado de com-paixão pelo outro, que passa pela experiência do outro para a poder corporizar e compreender...

De facto, o antropólogo utiliza tradicionalmente o estratagema de ir viver com o outro, de “fazer de conta” que se “con-funde” com ele, mantendo em si sempre esses dois pólos (que por vezes conflituam): o do observador externo, que anota friamente, e o do indivíduo que quase se passou já “para o lado de lá”, tão forte foi a experiência e tão grande o desejo de identificação com o seu objecto. Mas por muito que, por exemplo, um urbanita ocidental,

culto, se pudesse tornar em algo de mais ou menos radicalmente diferente, ele sentiria provavelmente um dia a tentação de sair dessa “cultura de acolhimento” para a sua de origem, para vir, por escrito, “contar como foi”. E aí a antropologia estaria de novo a impor-se, como saber partilhável, à pura experiência individual, que morre com o sujeito que a viveu, ou à ficção mais poderosamente construída (que dá a “impressão” de realidade) mas onde, por definição, se perde a fronteira entre o “real” e o “imaginado”.

Creio que a antropologia, nas suas múltiplas formas, deveria ser ensinada na Universidade do Porto, porque é um saber absolutamente indispensável numa sociedade multi-cultural e “multi-étnica” como aquela em que cada vez mais vivemos. Se certos grandes interesses económicos, muitas vezes de curto prazo, não dominassem o curso das coisas, para além de toda a racionalidade, o mundo e a sua diversidade não estariam a ser depredados na heterogeneidade que sempre existiu.

Sei que a globalização é não só inevitável, como em certos aspectos positiva, e que dá azo a inúmeras oportunidades de criação “local”. Também sei que nada no mundo está ou esteve alguma vez parado, e que as forças que acabaram por conduzir a história nunca foram a do pensamento de alguns “esclarecidos”, mas da acção prática, contraditória, vulnerável a todo o tipo de paixões e interesses, não valendo a pena enveredar por discursos apoloéticos, proféticos, apocalípticos.

Por isso a Universidade não deve ir a reboque, conduzida por forças que a ultrapassam ou que dela se querem utilizar, mas que tem de se fazer valer do seu património para reafirmar que o futuro não está escrito em nenhum lado, nem evidentemente há só uma maneira de o fazer.

A antropologia é a guardiã de saberes e de “saberes-fazer” que não são objectos de museu, ou curiosidades superficiais para decorar interiores, mas arrancam de uma experiência funda, tremendamente ancorada na acção dos homens comuns, que está no terreno, e de que, portanto, até porque tal é pragmaticamente útil, não nos podemos alhear. Esse é que é o mundo real, e não o dos tecnocratas que querem fazer tábua rasa da história e da verdadeira riqueza do humano, como se fosse possível transformar a vida num escritório asséptico, ultra-moderno, e os nossos desejos numa contabilidade de “êxtases” pré-programados, divulgados pela publicidade, enquanto a maioria da humanidade se degrada ou depaupera.

A antropologia, como qualquer outro saber, não é nem nunca foi neutra. Não deve existir para fazer sobreviver umas curiosidades exóticas, ou nos entreter e distrair do essencial, qualquer que seja esse essencial para cada um de nós. A antropologia é incómoda, problematizante, anti-dogmática, como toda a ciência que visa criar novas formas de actuar sobre o mundo. E “fazer moderno” com toda a experiência milenar deste mundo, sem, à partida, menosprezar ninguém.